

A REDENÇÃO DO ANONIMATO NA REDE DO FACEBOOK: UMA ANÁLISE DE DISCURSO

MAYARA ANDRADE DE CARVALHO PACHECO – UNIVERSIDADE DE
BRASÍLIA - UnB¹

RESUMO: Este artigo pretende refletir a respeito da identidade, das relações sociais e da ideologia na pós-modernidade, tomando-se como objeto os discursos inscritos na rede social Facebook, ambiente pródigo em signos que buscam dar sentido ao meio virtual, distinguindo-o do real. As teorias da Análise do Discurso Crítica de Fairclough e Chouliaraki estruturam a pesquisa e as noções de identidade de Stuart Hall, Tomaz Tadeu da Silva e Pierre Bourdieu constroem a linha argumentativa, ao lado da concepção de ideologia como forma de dominação, segundo Thompson. A pesquisa realizada é qualitativa, com uso de entrevistas, vídeos, ilustrações e “posts” de usuários do Facebook, com uma dinâmica estabelecida na análise das práticas discursivas e sociais no meio virtual.

Palavras-chave: Facebook, Análise de Discurso Crítica, identidade, ideologia, modernidade tardia.

ABSTRACT: This particular article intends to reflect about identity, social relations and ideology in post-modernity, taking as object the speeches inscribed on the social network Facebook, lavish environment in signs that seek to give meaning to virtual environment, distinguishing it from the reality. The Critical Discourse Analysis's theories from Fairclough and Chouliaraki structure this research and the identity's notions from Stuart Hall, Tomaz Tadeu da Silva and Pierre Bourdieu build the argumentative line, so as Thompson's conception of ideology as a form of domination. This is a qualitative research, using interviews, videos, pictures and "posts" from Facebook users by a established dynamic from the analysis of discursive and social practices in virtual environment.

Keywords: Facebook, Critical Discourse Analysis, Identity, Ideology, late modernity.

¹ Acadêmica de Letras-Português da Universidade de Brasília. E-mail para contato: mayara.pacheco@uol.com.br.

INTRODUÇÃO

Convido-os a embarcarem nessa jornada por entre os fios das redes sociais. Aqui encontrarão o convívio entre a máquina e o ser humano, entre o material e o virtual, entre a linguagem subjetiva e a acadêmica, se complementando, harmonicamente. Explico, portanto, logo de início, meu estilo de ver a realidade, repleto de metáforas e poesia (como verão mais à frente), pouco convencional ao meio acadêmico, mas nem por isso fraco em argumentação.

Começo, então, problematizando a própria noção de gênero textual, na voz de Marcuschi, que o define como:

uma noção propositalmente **vaga** para se referir a textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio comunicativas definidas por conteúdo, propriedades funcionais, **estilo** e composição característica (MARCUSCHI, 2002, p. 23 – grifos meus).

Logo, podemos dizer que a estabilidade de um gênero é relativa e, mais ainda, que há uma batalha entre a “generalização” e a “unificação”, as normas e as impressões do indivíduo:

Se por um lado existe uma necessidade positiva, sistêmica, linguística-estrutural de conjugar os gêneros em torno de uma regra de traços e funções, por outro lado, caminha-se na direção das movências de sentido, fundadas nas condições de produção dos discursos e na referencialidade polifônica dos sujeitos ao se inscreverem nos discursos (SANTOS, 2004, p. 330-331).

Posto isso, é válido dizer que a linguagem dessa pesquisa é também um reflexo do próprio tema: os discursos das redes sociais (mais precisamente as discursões ideológicas e de identidade encontradas no Facebook), cheios de subjetividade misturada à objetividade, falas poéticas juntadas a informações jornalísticas, gritos ao lado de argumentos racionais, as mais diversas combinações, espelhos das várias identidades que encontramos nesses tempos de modernidade tardia.

Sendo assim, nesse cruzeiro que faremos, os tripulantes que procuramos são os náufragos aventureiros que transitam pelos múltiplos sentidos do eu e do texto:

O leitor é o produtor de jardins que miniaturizam e congregam um mundo. Robinson de uma ilha a descobrir, mas “possuído” também por seu próprio carnaval que introduz o múltiplo e a diferença no sistema

escrito de uma sociedade e de um texto. Autor romanesco, portanto. Ele se desterritorializa, oscilando em um não-lugar entre o que inventa e o que modifica. Ora efetivamente, como o caçador na floresta, ele tem o escrito à vista, descobre pistas, ri, faz “golpes”, ou então, como jogador, deixa-se prender aí. Ora perde aí as seguranças fictícias da realidade: suas fugas o exilam das certezas que colocam o eu no tabuleiro social (CERTEAU, 2011, p. 245).

Movamo-nos juntos com a nossa capitã Análise do Discurso pelos portos teóricos e metodológicos, os misteriosos labirintos da contextualização, enquanto nos encantamos com as mais diversas vozes das sereias e dos surfistas (da rede) da análise da prática particular. Por fim, quando chegarmos ao nosso destino (as considerações finais), não desembarquemos ainda: questionemos, respondamos, comentemos o texto, pois, como dizia Millôr Fernandes, “se você não está em dúvida é porque foi mal informado”².

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Para bem conduzirmos a reflexão que será promovida adiante, propomos um retorno às origens da palavra “discurso”, cujos elementos formadores remetem, sugestivamente, a percurso, trajetória e, por extensão, à ideia de movimento, de fluxo, com um sentido implícito de renovação. No ‘Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa’ consta que “discurso” deriva de “discorrer”, verbo que provém de “discurrere” (prefixo “dis” + “currere”), que, em latim, significa “percorrer, atravessar” (CUNHA, 1997, p. 269). Não se trata de buscar no nascedouro da palavra um único sentido verdadeiro, mas de nos colocarmos em diálogo com a carga semântica que tal palavra carrega pelos vários circuitos de comunicação onde é acionada tão logo nos inserimos como sujeitos deste contexto.

Vale dizer, num cenário em que as práticas e condições de produção privilegiam ou dificultam determinados discursos, não podemos ter a pretensão de represar o fluxo de sentidos e/ou ignorar as várias conexões que um discurso mantém com outros no circuito de comunicação, sob pena de inviabilizarmos o produtivo diálogo do presente com o passado e, assim, não saborearmos as nuances semânticas adquiridas pela palavra ao longo do tempo. Conforme assinala Heidegger (*apud* CASTRO, 2004):

² Slogan de Millôr Fernandes para o do jornal “O Pasquim”.

Trata-se, ao se apoiar no significado antigo da palavra e nas transformações por que passou, de se aperceber do domínio das coisas nas quais a palavra nos introduz e onde ela fala. Trata-se de considerar este domínio essencial como aquele no interior do qual se move a coisa designada pela palavra. Somente assim a palavra fala e o faz em relação às significações que a coisa designada percorreu e nas quais ela se desdobrou de um ponto a outro da história do pensamento e da poesia.

Em suma, contextualizar a palavra significa tomá-la no presente considerando o percurso que ela fez, o que confere uma dimensão histórica ao discurso. Além disso, devemos ter em conta que, quando tratamos de discurso, não focamos tão somente nas palavras, mas nos signos em geral, que, juntos, compõem o que se quer comunicar. Logo, estamos sendo coerentes ao utilizarmos entrevistas e também recortes de discursos da rede social para serem analisados nessa pesquisa. Isso por se tratem de formas de um relato

que privilegia, por suas histórias de interação, uma “lógica da ambigüidade”. “Muda” a fronteira em ponto de passagem, e o rio em ponte. Narra com efeito inversões e deslocamentos: a porta para fechar é justamente aquilo que se abre; o rio, aquilo que dá passagem; a árvore serve de marco para os passos de uma avançada; a paliçada, um conjunto de interstícios por onde escoam os olhares (CERTEAU, 2011, p.214).

Considere-se ainda o aspecto relacional embutido no discurso, que pressupõe a comunicabilidade entre sujeitos postos em contato, cada qual com sua competência discursiva, no tocante ao repertório que traz de seu meio social e de suas motivações psicológicas e funcionais que o levam a eleger um determinado registro, numa circunstância específica, em face de outros sujeitos. Isso nos leva ao teórico Fairclough da Análise do Discurso Crítica, que considera o uso da linguagem como prática social e isso

primeiro, implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação. (...) Segundo, implica uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social, existindo mais geralmente tal relação entre a prática social e a estrutura social: a última é tanto uma condição como um efeito da primeira. (FAIRCLOUGH, 2001, p.91)

Nesse sentido, o que visualizamos é o curso de um rio, que se ramifica em várias direções e tem sua harmonia abalada tão logo alguém nele submerja. Sob a aparente calma evocada do eterno correr das águas, haveria um mundo povoado de peixes,

plantas, resíduos minerais, invadido naquele instante pelo homem que nele mergulhou. O intruso se espanta com a turbulência dos vários litros de água e os mapas aquáticos das correntes que ensaiam outros cursos. O mais significativo deste contato é que nem o rio nem o indivíduo voltarão a ser como antes, um interage com o outro, um possui dentro de si uma parte do outro, um modifica o outro. Há uma troca, um diálogo entre aquele que atravessou o rio, o próprio rio e todos aqueles que fizeram esse percurso antes. Sob esse prisma, o discurso guarda proximidade com o diálogo, porque se produz também para o outro, numa perspectiva relacional, conforme assinala Bakhtin (*apud* FIORIN, 2008, p. 18):

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo esta mútua orientação dialógica do discurso alheio para o objeto. Para o discurso humano, concreto e histórico, isso não é possível: só em certa medida e convencionalmente é que pode dela se afastar.

O que se entende aqui é que nenhum discurso é solitário e coeso, entremeadado que é de outros discursos. É o rio surpreendido pela pessoa que nele se banhou, mas capaz de surpreender, ele próprio, a todos que nele mergulharam. Em outra perspectiva, podemos imaginar um cenário em que alguns indivíduos carregam um pouco da água desse rio para outros beberem. Estes, ao receberem a água que lhes saciará a sede, tomarão as providências de higienização e armazenamento, por exemplo, produzindo uma resposta ao gesto de quem lhes forneceu o líquido, manipulando aquele conteúdo de modo a atender às exigências de seu meio, portanto não estamos falando de sujeitos passivos, pois, a seu modo, produzem uma resposta ao discurso do outro e provocam nele também uma resposta.

Valendo-nos desta dimensão dialógica, característica de todo discurso, para analisarmos o cenário atual, faz-se necessário problematizar o conceito de “modernidade líquida”, comentado pelo sociólogo Zygmunt Bauman, em uma conferência para o projeto cultural Fronteiras do Pensamento³:

³ Disponível em: <<http://www.fronteiras.com/videos/player/?13,112>>.

O que aconteceu no século 20 foi uma passagem de toda uma era da história mundial, ou seja, da sociedade de produção para a sociedade de consumo. Por outro lado, houve os processos de fragmentação da vida humana. As sociedades foram individualizadas. Em vez de se pensar em termos de a qual comunidade se pertence, a qual nação se pertence, a qual movimento político se pertence, etc, tendemos a redefinir o significado da vida, o propósito da vida, a felicidade na vida para o que está acontecendo com uma própria pessoa, as questões de identidade, que têm um papel tremendamente importante hoje, no mundo. Você tem que criar a sua própria identidade. Você não a herda. Não apenas você precisa fazer isso a partir do zero, mas você tem que passar sua vida, de fato, redefinindo sua identidade. Porque os estilos de vida, o que é considerado ser bom para você e ruim para você, as formas da vida atraentes e tentadoras mudam tantas vezes. (tradução livre)

Assim, partimos do princípio de que nenhuma pessoa é puramente vítima ou alienada, que aceite tudo o que lhe seja dito ou veiculado pela mídia. Uma concepção ingênua do fenômeno como algo imposto de cima para baixo, pura e simplesmente, deriva de alguns autores anteriores a Thompson. Refletindo sobre essa concepção ingênua, o próprio Thompson compreendeu que “a ideologia foi entendida como uma espécie de *cimento social*, e os meios de comunicação de massa foram vistos como mecanismo especialmente eficaz para espalhar esse cimento” (THOMPSON, 1995, p.11). A problemática, portanto, iria além daquela compreensão, e o que Thompson vem propor é uma visão mais complexa do fenômeno, alertando para os mecanismos utilizados nos discursos para a manutenção da assimetria das relações de poder.

Para exemplificar, tomemos o trânsito da palavra “civilização”, cujos sentidos são mobilizados de acordo com interesses políticos de uma elite:

Até praticamente a metade do século XX, civilização era sinônimo de apuro de costumes e progresso material. Depois, os historiadores passaram a considerar civilização com o significado neutro. Seriam formas de vida própria de um povo ou de um conjunto de povos, com três características básicas: um território determinado, uma mentalidade própria, valores e crenças e uma hierarquia social. Com base nisso, identificaram-se várias civilizações, mas custou-se a identificar a civilização capitalista porque ela apresentou características diferentes. Não se fixou em um território determinado, mas se expandiu pelo mundo todo. O capitalismo também tem uma estrutura de poder original, que se esconde atrás das estruturas de Estado. A classe empresarial trabalha de mãos dadas com os agentes políticos, de certa forma sob seus comandos. (COMPARATO *In* CARTA CAPITAL, nº 764, p. 90-91)

Podemos ver nessas palavras do professor e jurista Fábio Konder Comparato a articulação de uma única palavra, “civilização”, a reter em si uma “ideologia”, por mais

que pareça que o fenômeno linguístico reproduz tão somente o gesto de “conceituar”, de “nomear” algo que existe. Ora, o próprio ato de dar nome às coisas sinaliza um modo de interpretação delas (e não somente isso, numa dimensão ingênua, neutra). Posto isso, faz-se necessário mencionar as formas com que as relações de poder são mantidas através do discurso. Thompson (1995) torna mais límpido esse rio turvo, desvendando cinco mecanismos em que essa assimetria é mantida. O primeiro deles é a *legitimação*, que se move em direção ao patenteamento das injustiças verificadas nas assimetrias sociais. Para tal efeito, existe a estratégia de *racionalização* (construção de um raciocínio apto a convencer os receptores do discurso), de *universalização* (apresentação de benefícios particulares articulados para confundir, como se fossem compartilhados pelo receptor) e de *narrativização* (produção de uma narrativa que se faz numa tradição intransponível).

O segundo mecanismo percebido por Thompson é a *dissimulação*, onde os reais motivos das ações são maquiados. Para isso, temos as estratégias de *deslocamento* (onde o foco das razões das ações é redirecionado), de *eufemização* (que diminui a gravidade das situações) e de *tropo* (que engloba sinédoque, metonímia e metáfora).

O terceiro mecanismo de manipulação da ordem político-social é a *unificação*, que iguala os indivíduos, desprezando suas diferenças. Aqui, as estratégias utilizadas são a de *padronização* (que visa padronizar as diversas representações feitas pela população) e a de *simbolização* (que faz uso de símbolos que colaborem com essa identidade coletiva).

O quarto mecanismo citado por Thompson é a *fragmentação*, que separa quem representa uma ameaça ao sistema dominante; tem como estratégias a *diferenciação* e o *expurgo* do outro.

Por último, temos a *reificação*, que trata uma situação temporária como permanente. Suas estratégias são a *naturalização* (um dado fenômeno sócio-histórico tomado como natural, portanto como algo irremediável, advindo da própria condição humana; localizamos aqui as questões de gênero, idade e raça), a *eternalização* (eventos sociais vistos como tradições eternas, numa tentativa de engessamento da realidade), a *nominalização* e *passivização* (ilusão criada pela omissão do agente do fenômeno, para se ter a impressão de que este ocorre por si só).

Ao destrincharmos esses modos de operação da ideologia, alertamos para o fato de que, no próprio corpo do texto, por mais “impessoalidade” que o autor queira imprimir ao seu pensamento, é perceptível a figura do “eu”. Noutras palavras, o texto apresenta “traços” do processo de produção e fornece “pistas” para o processo de interpretação.

Fairclough (2001) apresenta o discurso numa concepção tridimensional em que interceptam *texto*, *prática discursiva* e *prática social*. Para esse estudioso, o discurso é uma prática social na medida em que constitui as instituições, constrói as normas, que, por sua vez, o moldam e o restringem. É uma prática discursiva no nível de produção, consumo e distribuição de textos. Por fim, a parte do texto propriamente dito é importante, visto que os signos são socialmente motivados, não são arbitrários. Sobre isso, Fairclough (2001, p. 91) compreende que “o discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado”, ou seja, identificando esse mundo.

E já que adentramos a ideia de identificação, apresentemos o pensamento de Stuart Hall (2006), que irá balizar nossa compreensão do que seja, nesta pesquisa, *identidade*. Isto porque, ao interagir com o contexto em que o discurso toma corpo, o sujeito recebe ou rechaça determinadas “verdades” segundo elementos psicossociais e políticos que ele já carrega consigo e que o identificam. Há, portanto, uma interceptação de forças na leitura que o sujeito faz do que lhe chega, entretanto, não é possível interagir de igual para igual com as “verdades” veiculadas pela mídia, porque, de acordo com Hall, “a identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição – discursiva e lingüística - está sujeita a vetores de força, a relações de poder. Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas” (SILVA, 2000, p. 81).

Vê-se, desde logo, portanto, a complexidade do fenômeno, pois até mesmo o que o sujeito guarde como traço seu, capaz de distingui-lo de outros sujeitos socialmente falando, sofreria influências do contexto em que tal sujeito informa e é informado, muda e é mudado, manipula e é manipulado. Por isso, é sempre útil retomarmos a ideia de que toda prática opera no social, que cada sujeito atua em diferentes papéis, dependendo do cenário onde é convocado, assim ninguém é, absolutamente, a mesma pessoa em todos os momentos e espaços onde seja levado a atuar. Em suma, a própria noção de identidade deve ser problematizada, porque o que se percebe é que o sujeito se apóia em

representações coerentes e individualizadas que imagina identificá-lo, para garantir um espaço de prestígio num território onde se interceptam forças discursivas em disputa pelo poder.

CONTEXTUALIZAÇÃO

Tec-tec-tec, entre o tic-tac do relógio, soa o novo tempo, desde o código morse a letras proferidas por um teclado. Que ruídos abafam os nossos gritos, cheios de “caps lock”? Que história guardamos entre nossos dedos agora repletos de afetividade?

Num passar de olhos apressados, interceptamos propagandas, esses “pop-ups” televisivos, a que nem damos tanta atenção, queremos logo pulá-los, adiantar o tempo, fechar a janela... Eis que uma dessas propagandas em especial nos paralisa: pessoas se conhecendo pelo telefone, resquícios de um Disque Amizade, popular nos anos 80, quando se discava o 145 e era possível ser outra pessoa, criar um perfil “fake”, extravasar a raiva, agir sem medo, encontrar amigos e perder outros. Tudo numa noite catártica.

O discurso de hoje é o mesmo, mas outro é o contexto e o número também mudou, que dirá o receptor. Nesse curso, estamos nós atravessando o heraclítico rio quando a água que adentra nossos ouvidos os inflama e o barulho que escutamos é tão irritante quanto o da internet discada.

Esse é o som da espera, é preciso ter paciência para entrar numa sala de bate-papo e descarregar nosso monstro interior. Assim, há muitas salas, repletas de minotauros, cada uma com seu Teseu e várias Ariadnes trançando redes que se interligam. Enfim, menos contato pessoal, mais tato maquinal, chegamos à era da comunicação pela internet.

À medida que ela avança, aumenta sua velocidade e se estende às estrelas (satélites), enquanto que o homem, cada vez mais individualista e solitário, procura solos conhecidos para pisar. Ruem-se as instituições, perdem-se os sentidos, mas lá no céu brilha a estrela da impessoalidade.

Entre os corredores por onde passa o Minotauro, Stuart Hall (2006, p.7) mostra que o próprio indivíduo é labiríntico, tão fragmentado que está na sociedade moderna. Por assim dizer, as velhas identidades, que antes eram cada um dos cômodos bem separados por suas funções (cozinha, quartos, sala, banheiro), se diluem e ficam pouco claras.

Há uma crise de identidade, onde o que se busca são novas referências e o que antes era estático, verdade sólida, passa a ser problematizado, e todos os cômodos se juntam numa grande “kitchenette”, repleta de identidades (um continuum de identificação), confusa sobre o que é e ligeiramente padronizada e impessoal.

A respeito disso, Wallerstein diz que o capitalismo “foi, desde o início, um elemento da economia mundial e não dos estados-nação. O capital nunca permitiu que suas aspirações fossem determinadas por fronteiras nacionais” (WALLERSTEIN *apud* HALL, 2006, p. 68).

Ao constatar esse fato, temos que a própria estrutura do sistema (a planta da “kitchenette”) foi feita para a impessoalidade, para a expansão, para a abrangência máxima de consumidores (rostos descoloridos e iguais, diria o Minotauro, no conto de Jorge Luís Borges). As vítimas que caem nesse labirinto procuram a saída na tensão entre a homogeneização cultural (pós-moderno global) e o reforço da identidade local (através da resistência à globalização). Os Teseus são as identidades nacionais novas, híbridas (é ele um pouco Minotauro).

Postos os corpos das vítimas, falemos do labirinto em si. Giddens, problematizando esse cenário, diferencia o “espaço” do “lugar”, clamando que este último é “concreto, conhecido, familiar, delimitado: o ponto de práticas sociais específicas que nos moldaram e nos formaram e com as quais nossas identidades estão estreitamente ligadas” (GIDDENS *apud* HALL, 2006, p. 72). Antes eram sinônimos, visto que era preciso estar presente naquela região para haver o diálogo. Hoje, cada vez menos necessitamos dessa interação face a face, estamos de “corpo ausente”, somos fantasmas de Asterion. Nessa confusão, o Minotauro diria que “Todas as partes da casa existem muitas vezes, qualquer lugar é outro lugar” (BORGES).

Por esse caminho, o tempo também se flexibiliza, torna-se mais rápido (uma viagem que antes perdurava longos dias, encurta-se em horas), no ritmo das mudanças tecnológicas, há a “destruição do espaço através do tempo” (HARVEY *apud* HALL, 2006, p.73).

Nesse contexto de espaço/tempo, a globalização colabora com a “fragmentação de códigos culturais, a multiplicidade de estilos, a ênfase no efêmero, no fluente, no impermanente e na diferença e no pluralismo cultural” descrita por Kenneth Thompson (*apud* HALL, 2006, p. 74).

De volta ao passado recente, a saudade nos propõe falar pelos dedos com nossos conhecidos no MSN (programa de mensagens instantâneas que permite o diálogo virtual), em lugar de encontrá-los pessoalmente e escutar sua humana voz; é preciso ser máquina. Dessa vez, tudo em família, podemos deixar o monstro na sala de bate-papo e buscarmos traduzir nossas emoções para além dos limites que a tecnologia pode nos oferecer.

Ao longo de nossa experiência com a máquina, aprendemos, por exemplo, que as letras em “caps lock” exprimem gritos e indignação muito mais do que chamam a atenção; que a demora nas respostas acende a luz vermelha de um ruído exterior à relação, portanto desconhecido do interlocutor; que respostas muito breves refletem a possibilidade de o outro estar conversando com um terceiro ao mesmo tempo. Descobrimos, por fim, que a fluência no uso de abreviações e códigos da internet veicula uma ideia de segurança e maturidade do internauta, contribuindo para a construção de uma sinonímia inusitada entre proficiência e vivência.

De fato, explorar todas as possibilidades do meio por onde circula a mensagem e vislumbrar códigos que possam vencer a barreira do incomunicável é o motor de quem leva a sério a aventura pelo espaço virtual e, nesse impulso, o jogo de corpo em driblar obstáculos e resolver as lacunas do mundo virtual constitui o capital simbólico apto a elevar o internauta a senhor daqueles domínios.

É nesse espaço de atuação que ocorre a liberação de uma persona que acreditamos ser a nossa única identidade. No mundo virtual, funcionamos como sábios conselheiros, pessoas maduras e bem-resolvidas, sob a aura de palavras bem colocadas e

habilidade no uso dos recursos tecnológicos. A primeira rede social utilizada por grande número de usuários vem responder, na verdade, ao apelo urgente e inadiável de se construir uma malha de solidariedade ampla e diversificada, onde afinidades plurais possam ser compartilhadas e expandidas exponencialmente. A partir do Orkut, pode-se dizer que a realidade da internet passa a dialogar de forma mais íntima com o contexto da modernidade tardia, descrito por Stuart Hall (2006), quando várias identidades são convocadas a agir em demandas as mais variadas, fragmentando-se o sujeito. Torna-se, portanto, mais sofisticado o processo de comunicação pela internet e mais abrangente a ferramenta de comunicação virtual. Indivíduos se reúnem em grupos de interesses afins, suas identidades múltiplas são acionadas e, assim, esboçam-se as primeiras convocações corporativas, profissionais e coletivas como uma demanda do presente, estreitando-se o laço entre o mundo real e o virtual.

Dito de outra forma, pelo Orkut é possível ser 100% “sexy” e encontrar a maior parte das pessoas que odeiam acordar cedo (aproximadamente 6 milhões), sendo necessário, apenas, se identificar, no duplo sentido da palavra: identificar-se socialmente com um grupo (o dos que acordam cedo) e identificar-se individualmente perante esse grupo (como “sexy”).

Logo, há um movimento de “internalização do exterior no sujeito e externalização do interior” (HALL, 2006, p. 31): é necessário que o indivíduo verbalize seus gostos e interesses privados para que estes sejam assimilados aos gostos e interesses gerais. Vale dizer, é ele afetado subjetivamente através de sua participação em relações sociais mais amplas e, em contrapartida, compromete-se a sustentar os papéis sociais que desempenha.

Eis que vem bater à porta, no corredor infinito de entradas que dão acesso ao labirinto, a obsolescência perceptiva (nome altamente em moda), a qual promoveu um grande fluxo de emigração para outra rede social: o Facebook. De acordo com o dicionário “on-line” “dictionary.com”, tal vocábulo refere-se a “uma publicação para uma organização, como a escola ou o trabalho, o que ajuda os membros a se identificarem” (tradução livre), ou seja, um meio para que as pessoas se conheçam e digam características de si mesmas. Esse artefato “narcisista” era bastante útil em seu lugar de origem: as universidades americanas, onde estudantes colocavam fotos e informações sobre si primeiramente num livro até chegar à ideia do site, a rede social.

Os pensadores dessa ideia foram os estudantes (e amigos) de Harvard: Mark Zuckerberg, Eduardo Saverin, Dustin Moskovitz e Chris Hughes. Entretanto, o programa inicial (Facemash) era diferente: a partir de duas fotos de mulheres colocadas lado a lado, julgava-se qual era a mais atraente (sexualmente falando). O detalhe é que as mulheres que apareciam no programa eram conhecidas, estudavam naquela universidade, o que tornou o Facemash mais popular, ainda menos ético e rapidamente retirado do ar pelos executivos de Harvard.

Em seguida, Zuckerberg criou o “site” “The facebook” (mais próximo à rede social que conhecemos, com a restrição de ser apenas para alunos daquela universidade) e acabou sendo acusado de roubar as ideias de Divya Narendra e dos irmãos Winklevoss, mais polêmica. A popularidade do “site” era diretamente proporcional às brigas que ele causava e, assim, Zuckerberg decidiu expandi-lo. Para isso, contava com seus colegas: Andrew McCollum (responsável pelo design gráfico), Hughes (auxiliaria na divulgação do site), Moskovitz (programador) e Saverin (trabalharia para montar o negócio).

Eis que Zuckerberg conhece Sean Parker (fundador do Napster) e se impressiona com seu estilo, tornando-o presidente da empresa em pouco tempo (assim como na internet, a criação do Facebook é formada por essa velocidade rápida) e renomeando o site para, enfim, Facebook.

Saverin não havia gostado da atitude de seu amigo, que pretendia tirá-lo do negócio e efetivamente o fez: sem saber, o brasileiro assinou um papel que diluiria bastante sua participação acionária. Mais atritos foram gerados: Zuckerberg processou Saverin (por querer de volta seus 30% da companhia) e vice-versa, o que resultou num acordo judicial (Saverin ficaria com 5% da empresa e manteria seu “status” de cofundador do Facebook) e num rompimento da amizade. Portanto, dialeticamente, a ideia de Mark Zuckerberg, de dinamizar as conversas entre os estudantes de forma criativa e multiplicadora pela internet, termina afastando-o de seu melhor amigo.

O que resta de tudo isso, e que nos interessa especialmente, é que finalmente passamos a ter um lugar onde é possível soltar o Minotauro ao mesmo tempo que revemos nossos amigos de infância. Vale dizer, são dois discursos distintos que, em algum momento, correm o risco de se tangenciar, desnudando identidades

aparentemente incompatíveis. Entretanto, como diria a música, “Mas é carnaval, não me diga mais quem é você, amanhã tudo volta ao normal” (*A noite dos Mascarados*, de Chico Buarque).

Assim, em vez de ocorrer um desmascaramento no encontro de dois mundos distintos, ocorre justamente o contrário, ou seja, as máscaras são fortalecidas: viramos, finalmente, famosos entre os nossos, desejamos e agradecemos os aplausos, isto é, que todos “curtam” nossas frases de efeito e nossas fotos retocadas com “photoshop”. Enfim, nosso ego torna-se bem disfarçado, fantasiado, caricaturado, num hipermascaramento de nossas múltiplas identidades, e não o contrário, isto é, optamos por ocultar nossas imperfeições ancestrais, cotidianas e familiares, preferindo nos comportar como anônimos diante de quem é nosso velho conhecido.

Stuart Hall, a respeito dessa resposta, escreve que

A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (HALL, 2006, p. 39).

Refletindo sobre essas palavras, podemos dizer que ambicionamos as respostas positivas, os comentários que nos acariciam, embora muitas vezes obtenhamos justamente o oposto: nossa plateia, possuída pelo espírito do Minotauro narcisista, é também formada de interlocutores ativos que buscam a anuência dos polegares alheios. A reflexividade aqui nem sempre é a esperada e, a respeito desses “haters”, Chico Buarque (no vídeo “Chico Bastidores”⁴) diz, entre risadas:

Hoje em dia essa coisa de internet, as pessoas falam o que vem na cabeça, né? E a primeira vez que eu vi isso, eu não sabia como era o jogo ainda. Eu fiquei espantadíssimo, falei “o quê que estão falando?”. Porque o artista, geralmente ele acha que é muito amado porque ele anda nas ruas, e dizem “bom dia”, “bom dia”, cheio de carinho, “fica com Deus”, aquela história que tem na música. E vai, faz o show, é aplaudido e tal. Já na internet, ele é odiado, dizem as piores coisas. Então, primeiramente que eu vi, não sei qual foi a notícia assim, aí eu vi “comentários”, eu nunca tinha entrado nisso, aí comecei a ler “esse velho”, “o quê que o álcool não faz com uma pessoa”, simplesmente uma injustiça porque eu já nem bebo mais, tomei juízo, “o quê que esse velho está fazendo aí?”. A gente vai fazer o quê, né? As pessoas têm uma raiva, existe uma raiva, mas você não vai ficar com raiva de quem tem raiva, né? Então é deixar pra lá. Não pode ficar triste com isso nem

⁴ Disponível em: <www.chicobastidores.com.br>.

morrer... Se morrer é pior, quando morrer, vão dizer “já morreu tarde”, “já vai tarde”.

Em meio a essa busca do melhor ângulo para ser fotografado, há espaço também para os assuntos sérios, para a panfletagem, de preferência sem ter que dar nomes aos bois nem dizer claramente o nome do partido político; melhor dizendo, sem se identificar, para não correr o risco de ser rejeitado, optando-se pela fórmula que implique angariar mais “curtidas”, tanto da esquerda como da direita. Nunca o impessoal foi tão pessoal, e vice-versa.

Uma ilustração de Miguel Brieva (PIAÚÍ, nº 83, p.4) mostra com pertinência as grandes manifestações que ocorreram em julho de 2013 pelo Brasil afora:

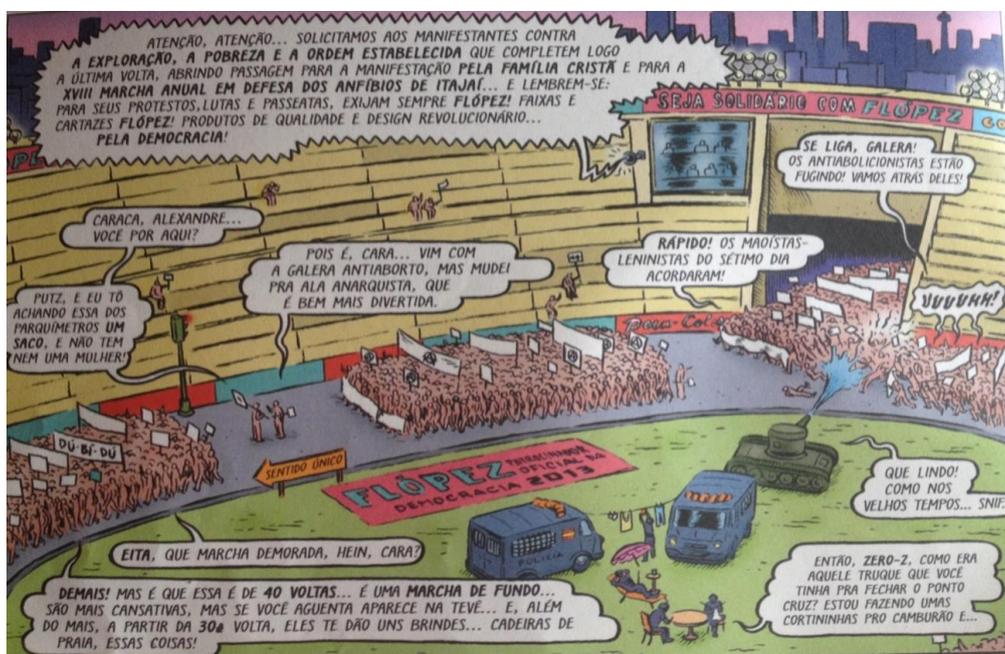


Figura 1: Ilustração de Miguel Brieva – Revista Piauí - nº 83

Para aprofundarmos nossa reflexão discursiva acerca da ilustração acima, quando vários interesses se entrecruzam numa só convocação, recorreremos a Ernest Laclau, que afirma:

As sociedades modernas não têm nenhum centro, nenhum princípio articulador ou organizador único e não se desenvolvem de acordo com o desdobramento de uma única “causa” ou “lei”. A sociedade não é, como os sociólogos pensaram muitas vezes, um todo unificado e bem delimitado, uma totalidade, produzindo-se através de mudanças evolucionárias a partir de si mesma, como o desenvolvimento de uma flor a partir de seu bulbo. Ela está constantemente sendo “descentrada” ou deslocada por forças fora de si mesma (LACLAU *apud* HALL, 2006, p. 16-17).

A partir dessa constatação de Laclau, é possível dimensionarmos o fenômeno das redes sociais no mundo atual, considerando que condições históricas favorecem tal meio de expressão. Por sua vez, o desenhista Miguel Brieva faz um retrato bastante fiel das grandes manifestações políticas ocorridas este ano no Brasil, cuja convocação se deu, fundamentalmente, pelo uso de uma ferramenta que se revelou poderosíssima: o Facebook.

Sem sombra de dúvidas, as manifestações políticas recentes transformaram-se em grandes eventos sociais, haja vista a ritualística cumprida nesses eventos: marca-se a data, convidam-se os amigos e protesta-se, sem esquecer a foto para o Instagram, mais um utensílio que vem se somar ao arsenal de ferramentas disponíveis para a comunicação via internet. Os atos performativos são, portanto, essenciais, já que é absolutamente necessário que tudo seja legitimado.

Eis a cena: sentados em nossa confortável cadeira de rodinhas, recebemos uma notificação da famigerada rede social: mais um convite para uma festa ou balada (ou uma palestra, uma reunião com interesses filantrópicos, um concerto gratuito, etc.). Mais ociosos que ansiosos, queremos ver do que se trata a convocação que recebemos no dia do solstício de inverno (21 de junho), quando os dias são curtos e as noites prolongadas (horário que reservamos para refletir antes de repousarmos, mais reflexividade, menos ação sem pensamento), sinal de mudança. O que vemos é a seguinte imagem:

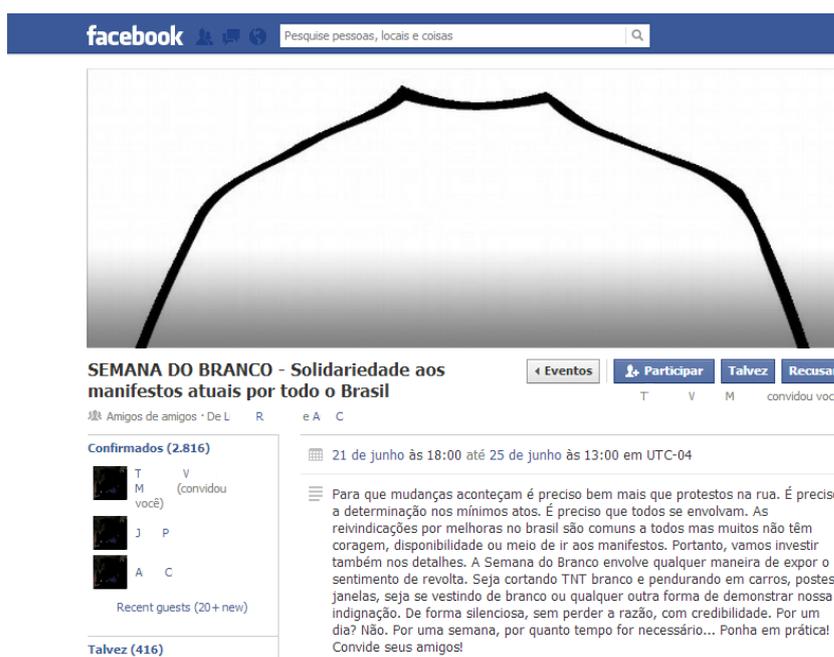


Figura 2: Evento do Facebook

“Semana do Branco” é o nome do evento que não por acaso nos faz lembrar o filme “A Onda” (DIE WELLE, 2008), onde os integrantes de um movimento que dá título ao filme vestem-se com camisetas brancas e acumulam outros símbolos para sentirem-se como um todo único (unificação por simbolização). Dentre os comentários da Semana do Branco, há, ainda, instruções do tipo “substitua a bandeira do Brasil por uma bandeira branca”, numa solicitação de demonstração de simpatia pelo movimento, mesmo por quem dele não participe (cobra-se, portanto, um posicionamento claro).

Bem a propósito, diz Pierre Bourdieu:

Na prática social, os critérios objetivos da identidade regional ou étnica constituem o objeto de representações mentais – vale dizer, de atos de percepção e de apreciação, de conhecimento e de reconhecimento, em que os agentes investem seus interesses e pressupostos – e de representações objetivas, coisas (emblemas, bandeiras, insígnias, etc.) ou atos, estratégias interessadas de manipulação simbólica tendentes a determinar a representação (mental) que os outros podem construir a respeito tanto dessas propriedades como de seus portadores. (BOURDIEU, 1996, p.107-108)

A percepção de Bourdieu clarifica os índices de reconhecimento exigidos e pactuados na sociedade atual, onde, em meio ao anonimato, indivíduos buscam filiações a grupos que os identifiquem e sejam por eles identificados. Este foi um dos primeiros, entre tantos convites: a “onda” dos vinte e cinco centavos (pois as manifestações assim se iniciaram: contra o aumento das passagens de ônibus neste valor) estava crescendo tão rapidamente que expandiu seus motivos e abarcou a nação num tsunami de ideias. Era preciso, portanto, criar regras e mecanismos para que o movimento se organizasse melhor, e foi então que nos deparamos com mais um portador de máscara nesse baile de carnaval: o “anonymous”.



Figura 3: Anonymous

A figura do “anonymous”, num primeiro momento, remete ao “nickname” de alguém que, ao se furtrar a se identificar nas conversações “on-line”, acaba se automeando como uma espécie de “Zé Ninguém”. Na verdade, não seria esta uma iniciativa do usuário, mas um procedimento do próprio programa da internet, que inseriria o adjetivo “anonymous” como “default”.

Vislumbramos aí um primeiro embate discursivo entre o homem e a máquina, onde o usuário quer chamar para si a ação de se autoidentificar como alguém anônimo, e não simplesmente se submeter a uma solução adotada pela máquina. Com o passar do tempo e a complexidade cada vez maior das conversações “on-line”, o usuário consegue, finalmente, se impor sobre a etiqueta “anonymous”, e esta deixa de ser adjetivo para ser, efetivamente, substantivo próprio, nomeando agora alguém revestido de humanidade: Guy Fawkes, o herói de capuz e roupas pretas do filme “V de Vingança” que luta contra um regime político opressor (no filme, o personagem usa a máscara da imagem acima).⁵

Desfaz-se, assim, a associação com o Zé Ninguém e passa-se a nomear um hiperalguém, constituído de um mosaico de vários indivíduos anônimos interconectados, imbuídos do espírito justiceiro daquele herói do filme. Desta forma, mescla-se o real com o virtual, confundindo-se os dois mundos, do que resulta uma maior veracidade do fenômeno, porque indecifrável à primeira vista, e, portanto, submetido à compreensão humana para produzir ou não efeitos.

Para compreendermos melhor a ação do Anonymous (com letra maiúscula) nas manifestações do primeiro semestre de 2013, tomemos um vídeo veiculado no conhecido “site” de compartilhamento de vídeos Youtube e visto por várias pessoas nas redes sociais. É um vídeo aparentemente inofensivo, com uma imagem distorcida do personagem Guy Fawker, imitando-se as ondas de interferência em nossas televisões. Com voz robótica, naturalmente não proferida por aquele que escreveu o discurso, o personagem dizia alto e bom som (com legendas):

Seremos simples e diretos. As mídias de rádio e TV dizem que não temos uma causa específica. Isso pode enfraquecer o movimento. Só a diminuição do valor das passagens de transportes públicos não nos

⁵ No filme, “V” planejava várias ações contra o governo cruel e corrupto que liderava os ingleses, inclusive interceptava a televisão para passar a sua mensagem: a de que eles “acordassem”.

satisfazem, mas realmente temos que saber por onde começar um novo Brasil! Então vamos levantar causas diretas e sem polêmicas de cunho religioso ou ideológico. Sem bandeiras partidárias ou subjetividades. Vamos todos levantar causas de cunho moral que são unanimemente aceitas. E vamos levantar poucas por hora (sic) para que não se dispersem. Chamaremos elas de “as 5 causas!”. As 5 causas são: 1- Não a PEC 37, 2-Saída imediata de Renan Calheiros da presidência do Congresso Nacional, 3- Imediata investigação e punição de irregularidades nas obras da Copa, pela Polícia Federal e Ministério Público Federal, 4-queremos uma lei que torne corrupção no Congresso crime hediondo, 5-Fim do foro privilegiado, pois ele é um ultraje ao Artigo 5º da nossa Constituição! REPITAM, ALARDEIEM, GRITEM, RETUÍTEM, COMPARTILHEM! Baixem o vídeo e postem em suas contas para que não seja retirado do ar! “Verás que um filho teu não foge a luta!”

Nesse discurso, percebemos uma assimilação ao mascarado misterioso, que se intitula “anonymous”, numa configuração bastante comum no meio virtual, que se utiliza de disfarces e do anonimato para poder ter mais liberdade de opiniões, ao fazer uso do “nós” inclusivo (“vamos”, “chamaremos”) e mostrar a indignação de milhares de brasileiros.

Retomando aquele momento das manifestações, fazia-se necessário que houvesse uma organização nesse carnaval heroico, pois a parte carnavalesca queria tomar o poder: vândalos aparecendo, fotos divertidas com muita pose para o Facebook, num clima festivo que se distanciava, até certo ponto, da finalidade política contida na convocação e divulgada pela mídia. Assim, ‘Anonymous’ instiga um pensamento, promove a reflexividade, ao criticar os meios de comunicação (rádio e TV), chama o povo à luta.

Fairclough (*apud* DIAS, 2007, p.10), a respeito da reflexividade, diz que “ela é alcançada por meio da luta social, visto que o saber sobre as práticas cria posições particulares dentro da própria prática ou fora dela”. A consciência sobre um modo de operação da ideologia leva a uma postura de questionamento, de transformação, como no filme “A Onda”, em que uma das personagens se recusa a usar um uniforme, contrariando seu professor.

Entretanto, nem só de acolhimento e de identificação é composta essa convocação dos manifestantes, mas de palavras de ordem: verbos no imperativo (“repitam”, “gritem”) e regras (“e vamos levantar poucas por hora para que não se dispersem”) comprovam essa afirmação. Além disso, o trecho “sem polêmicas de cunho

religioso ou ideológico. Sem bandeiras partidárias ou subjetividade” propõe a visão “anônima” da internet e causa uma fragmentação dos que portam bandeiras políticas, por exemplo. Não seria essa uma ideologia? Nos comentários ao vídeo do Youtube, neste mesmo “site”, vemos o seguinte questionamento:

A principio eu era extremamente contra bandeiras partidárias nos manifestos, pensava que como estamos lutando por uma mesma causa devíamos ser uma massa única. Após ler um comentário de um amigo percebi que não devemos impor limites e proibições às bandeiras. Viva a diversidade, apesar de estarmos nas ruas por um mesmo objetivo não somos iguais, não pensamos da mesma forma. O importante é que com ou sem bandeira estamos lutando juntos! Outro ponto que gostaria de ressaltar é o numero de enquetes nos fóruns do facebook, é um “proíbe isso, proíbe aquilo” que tá um horror! Manifestantes, percebam que se começarmos a proibir isso ou aquilo estaremos ditando regras incabíveis como nosso governantes, assim agiremos como o sistema. Com atitudes assim mesmo que consigamos mudar o país caminharemos para um futuro similar ao nosso presente, com uma ditadura sob os panos.⁶

A partir do rompimento da fronteira entre o real e o virtual, constrói-se uma representação capaz de justificar, por si só, os atos e performances que convoca, para além das convicções políticas, religiosas e filosóficas de cada um. A ideia é reunir e somar esforços para, num grupo numeroso, empreender ações com valor simbólico reconhecível por um vasto público, com objetivos variados, uma vez que cada indivíduo é respeitado em sua individualidade, embora não destoe do grupo no propósito de cumprir os rituais para os quais é convocado.

Nesse sentido, as grandes manifestações políticas promovem uma materialização do Facebook: onde gritamos, queimamos bandeiras ou as hasteamos, queremos seguidores em nossos grupos, e até vandalizamos, esquecendo o espaço do outro, a etiqueta social que rege as relações humanas. Sob esse prisma, o Facebook pode ser visto, ele próprio, como uma grande manifestação descartável, quando consideramos que, ali, o compartilhamento de nossas ideias se dá tão rapidamente quanto se dá o seu esquecimento.

Este é outro ponto a considerar na comunicação via internet: a superficialidade das relações construídas, condicionando-se as ações e tomadas de posição a um “timing”, quando tudo pode acontecer ou não. Passado o momento, a ação perde a

⁶ Retirado do Evento social “Semana do Branco” do Facebook.

eficácia e torna-se obsoleta. Mais que isso, percebe-se uma avidez por novas ações, sempre se buscando inovar nas performances, o que ratifica a desvinculação entre um momento e outro, já que a própria lógica do meio privilegia o momentâneo. Essa inconstância comportamental, em virtude da fluidez do tempo, produz certa instabilidade, desta vez beneficiando a máquina. A luta continua.

ANÁLISE DA PRÁTICA PARTICULAR

Passemos, então, à Análise Prática do Discurso, compreendendo que para interpretá-lo de maneira eficiente é necessário levar em conta o “dito” e o “não-dito”, isto é, o que se fala e aquilo sobre o que se cala. Além disso, levamos em consideração o processo de produção do discurso, ele mesmo, e a sua recepção, para chegarmos à conclusão de que:

o discurso é apresentado como parte da atividade concreta ou como construção reflexiva da prática. É importante incluir, nesse tipo de análise, a relação do momento discursivo com os demais momentos das práticas: (1) *atividade material (voz e marcas no papel)*; (2) *relações sociais e processos (poder, instituições)*; (3) *fenômenos mentais (crenças, valores, desejos)* e (4) *discurso*. A relação entre os momentos é dialética no sentido de que um momento internaliza os outros sem ser redutível a eles. Assim o discurso é constituído pelos outros momentos sem ser simplesmente reduzido a um deles e vice-versa, dialeticamente, tais momentos internalizam, de alguma forma, o discurso (FAIRCLOUGH *apud* DIAS, p.153).

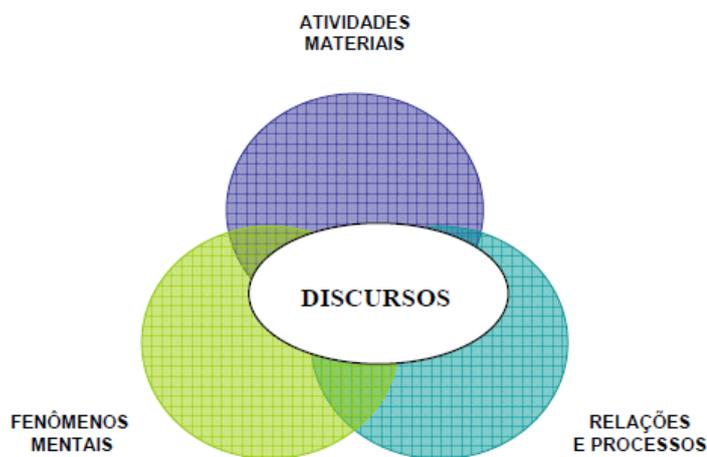


Figura 4: Articulação dos Elementos da Prática Social

Dedilhar palavras no teclado, compondo movimentos de uma canção surda, eis a mecânica dos destinos virtuais. Irônico falarmos numa prática material quando o que analisamos não está no âmbito palpável: o texto da rede social é repleto de subjetividades e quase preso no mundo platônico das ideias.

A tênue barra horizontal azul na parte superior de nossa tela demarca um limbo para apaziguar os ânimos. A pequenina foto de nosso perfil abaixo desse céu que carrega a marca da rede social parece desenhar uma nuvem de pensamentos ao seu lado, como nas histórias em quadrinhos, é o chamado “status”. Interessante que estamos tão acostumados com o uso dessa palavra associado às relações humanas, que, ao visualizarmos “status” como etiqueta na tela, a palavra parece ser outra. No Aurélio (1986), vem expresso aquele sentido usual, nos seguintes termos: “Conjunto de direitos e deveres que caracterizam a posição de uma pessoa em suas relações com outras”. Na linguagem da informática, “status” retoma a origem latina, para representar a “situação, estado, qualidade ou circunstância de uma pessoa ou coisa em determinado momento; condição”⁷. Em resumo, a palavra na rede social guarda proximidade com o estado atual do usuário, possibilitando à pessoa se traduzir por meio de um rol de vários perfis.

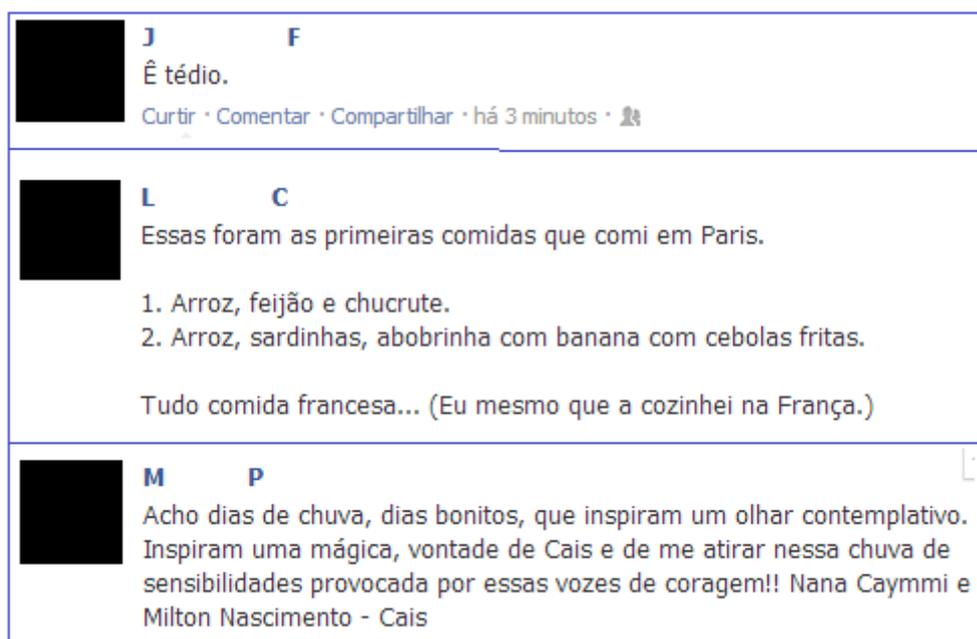


Figura 5: Exemplos de “status” do Facebook

⁷ Grande Dicionário Houaiss Beta da Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=status>>.

Entretanto, mais interessante ainda do que os dois sentidos aqui apresentados é o diálogo estabelecido entre eles, quando percebermos que, no fundo, o “status” descrito pelo usuário aponta o seu lugar de fala, isto é, mostra para os outros quem o usuário é em relação aos outros. Percebemos, portanto, que estão emaranhadas as relações sociais com as atividades materiais.

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman, em uma de suas conferências que foi concedida para o projeto cultural Fronteiras do Pensamento⁸, comenta um pouco a respeito das relações sociais com a rede:

Um viciado em facebook me confessou - não confessou, mas de fato gabou-se - que havia feito 500 amigos em um dia. Minha resposta foi: eu tenho 86 anos, mas não tenho 500 amigos. Eu não consegui isso! Então, provavelmente, quando ele diz 'amigo', e eu digo 'amigo', não queremos dizer a mesma coisa, são coisas diferentes. Quando eu era jovem, eu não tinha o conceito de redes, eu tinha o conceito de laços humanos, comunidades... esse tipo de coisa, mas não de redes. Qual a diferença entre comunidade e rede? A comunidade precede você. Você nasce em uma comunidade. De outro lado temos a rede, o que é uma rede? Ao contrário da comunidade, a rede é feita e mantida viva por duas atividades diferentes: conectar e desconectar. Eu penso que a atratividade desse novo tipo de amizade, o tipo de amizade de facebook, como eu a chamo, está exatamente aí: que é tão fácil de desconectar. É fácil conectar e fazer amigos, mas o maior atrativo é a facilidade de se desconectar. Imagine que o que você tem não são amigos online, conexões online, compartilhamento online, mas conexões off-line, conexões reais, frente a frente, corpo a corpo, olho no olho. Assim, romper relações é sempre um evento muito traumático, você tem que encontrar desculpas, tem que se explicar, tem que mentir com frequência, e, mesmo assim, você não se sente seguro, porque seu parceiro diz que você não têm direitos, que você é sujo etc., é difícil. Na internet é tão fácil, você só pressiona "delete" e pronto, em vez de 500 amigos, você terá 499, mas isso será apenas temporário, porque amanhã você terá outros 500, e isso mina os laços humanos. (tradução livre)

É nesse “status” que nos descrevemos em gostos, fotos, teorias, ideias, nosso alter-ego virtual, que vem responder à famigerada questão disfarçada de inofensiva, “no que você está pensando?”, que aparece na tela. Tal questão parece dirigida por uma espécie de Grande Irmão invisível (o construtor das regras e instruções que dita comandos ao usuário, figura identificada como a própria máquina). Sim, pois a pergunta procede de alguém, não tenhamos dúvida disso. E esse alguém, por não sabermos exatamente quem seja, é uma espécie de Big Brother (Grande Irmão) que indaga, controla, dita normas, cria leis, impõe limites. Ao concordarmos em revelar nossa alma,

⁸ Disponível em: : <<http://www.fronteiras.com/videos/player/?13,108>>.

pouco nos custa obedecer aos comandos (marcados pelos verbos no imperativo) da rede: “diga o que você está fazendo”, “selecione um arquivo para enviar”, e por aí vai. Mais do que isso: submetemo-nos a tais regras com prazer.



Figura 6: Foto tirada por mim de um muro da 209 Norte

Abaixo desse nosso ego imaterial, vemos diversos outros, em muitos tons e movimento, atualizações que percorrem o caminho da tela, a qual desliza automaticamente, e nossos olhos costumam a acompanhar tal dança carnavalesca. Nesse baile, as diversas máscaras se sobressaem, como relata um usuário desse meio: “Em algumas ocasiões você não está muito satisfeito com uma característica que é inerente sua e você disfarça ela ou deixa ela totalmente ausente no seu perfil virtual”⁹. Em outras palavras, uma espécie de “photoshop” (nosso conhecido programa editor de fotos) do ego, dito por quem o pratica.

À direita, temos mais faces minúsculas, são de nossos amigos (classificados adequadamente por nós entre melhores amigos ou apenas conhecidos) para podermos conversar sem voz, escutando nós mesmos os ruídos que produzimos no teclado. O sentido da visão é o mais exaltado nessa rede, que quase nos desprende do corpo, inerte, onde apenas os dedos comunicam.

⁹ Um dos entrevistados para a pesquisa (1), usuário do Facebook, 24 anos.

The image shows a screenshot of a Facebook profile page. At the top, there is a search bar with the text "Pesquise pessoas, locais e coisas" and a "facebook" logo. Below the search bar, there is a navigation menu with "Página inicial" and other icons. The main content area is divided into three sections:

- Status:** A text input field with the placeholder "No que você está pensando?". Below it, a status update from user "I M" says "HELLFEST France - we're coming!" with a link to "http://www.ironmaiden.com/maiden-to-headline-hellfest-france-june-2014.html". It has 231 likes and 7 comments.
- Music Promotion:** A post from Sony Music promoting a new album by Britney Spears. It features a photo of Britney Spears and the text "Baixe agora mesmo o novo álbum da no iTunes!" and "Ouça uma amostra e descarregue (Deluxe Version) no iTunes. Veja classificações e leia críticas de clientes." It has 6 likes and 1 comment.
- Recommended Pages:** A list of recommended pages with their respective profile pictures and names, such as "I D", "A M", "M D F J", "L S", and "J F".

On the left side, there is a sidebar with navigation options: "FAVORITOS" (Feed de notícias, Mensagens, Eventos, Fotos), "GRUPOS" (L, S, G, O, Criar Grupo...), "AMIGOS" (Melhores amigos, Família, C, U, U, B), "APLICATIVOS" (Jogos, Feed de jogos, Música, Notas), and "PÁGINAS" (Feed das Páginas).

Figura 7: Perfil do Facebook

Nós nos desmaterializamos, percorrendo tantos caminhos a ponto de, dialeticamente, não irmos a lugar nenhum: a internet é um não-lugar. Contamos então, com a ajuda das letras do teclado sem música, do “mouse” rastejante (em alguns casos) e das infinitas telas (de computadores, tablets, netbooks, etc) que nos observam tanto quanto as observamos. Todos estes, apetrechos para acessarmos o grande “livro das faces” virtual e carimbarmos a nossa também, nesse mesmo registro. Assim, somos mais um rosto cheio de vontades, gostos, “status” e até importância: num segundo podemos virar famosos com apenas o toque do botão “compartilhar”; são os famosos quinze minutos de fama (o que pode não ser tão agradável):



 Eu achava muito estranho o fator "discriminação". Eu sou gorda? Posso emagrecer. Eu não tenho dinheiro? Fácil demais essa aí, né? Posso ganhar horrores. Eu tenho um linguajar matuto de mineira nascida no interior? Eu só falo assim porque gosto mas escrevo muito bem quando quero e faço cursos de Língua Portuguesa, leio, escuto músicas de alto nível. Eu não tenho uma religião bem definida? Eu sou totalmente crente em Deus Pai, todo-poderoso. Não rezo muito como é o hábito da minha família mas faço ações que não citaria nem sob tortura. Não sou bem tratada em lojas ou comércios. Muitas vezes, sou a última de uma fila mesmo quando meus direitos dizem o contrário. Para quem me discrimina por razões materiais ou mesmo físicas (externas), fica uma coisa bem interessante: não há silicone para cérebro; não há enxerto; não há tinta que o torne diferente; ginástica ou dieta que lhe dê jeito. Entendeu não? É a prova que cérebro precisa ser usado com frequência para ser "malhado" e ter a devida forma. Discriminei alguém? Que bom! Se for uma pessoa de atitude talvez ainda tenha tempo de tentar melhorar essa situação tão mais complicada que a minha. Já me discriminou antes por alguma razão? Você não pode ver meu cérebro funcionando nem pode acompanhar o que ele é capaz de fazer. Esqueci: eu já tomei Rivotril e isso é considerado "remédio para doido". Pasmem: eu sou tão elétrica que para desligar um pouco precisava de um bom ansiolítico para dormir um pouquinho. Quando eu começo a fazer uma coisa bem interessante, não tenho noção de tempo e uso todo o tempo disponível e mais um pouco me dedicando ao máximo. Você me detesta depois disso? Dá licença da minha vida porque não tem lugar pra qualquer um nela. Não me ofendem me discriminando. Imagina só qual seria minha reação se eu me sentisse realmente discriminada! A Lei pra tudo hoje em dia. Pra que ficar brava com bobagens! Quem leu isso tudo é porque nunca me discriminou... rrsrrsrrs... os atores de discriminação não devem ter tempo pra ler isso tudo. Devem estar olhando muito a vida de outros. Tomou?

Figura 8: Discurso de uma usuária do Facebook

Esse discurso (dentre vários semelhantes que encontramos) de uma usuária da rede social reflete as questões de identidade que vivemos atualmente. Num primeiro momento, ela responde às pressões sociais que a caracterizam: “eu sou gorda?”, “eu não tenho dinheiro?”, “eu tenho um linguajar matuto de mineira nascida no interior?”, “eu não tenho uma religião bem definida?”.

As respostas dadas, no entanto, não são de quem defende nem problematiza a questão, como “por que realmente eu deveria mudar?”, mas uma aceitação de que essas características são defeitos e podem ser mudados: “posso emagrecer”, “posso ganhar horrores”, “eu só falo assim porque gosto, mas escrevo muito bem quando quero (*o que significa que matutos não escrevem “bem”*) e faço cursos de Língua Portuguesa, leio,

escuto músicas de alto nível (*estereótipo de que o “matuto” não teria acesso à educação*), “eu sou totalmente crente em Deus Pai, todo-poderoso”.

Esse discurso reflete um modo de operação de ideologia: a fragmentação, não só no início do texto, mas em quase todo a sua extensão. Na segunda parte, por exemplo, nossa interlocutora relata que não é bem tratada em lojas ou comércios, que é a última da fila quando seus direitos são outros. A solução que a autora encontrou para o desconforto causado pelas críticas sociais foi a ofensa (também a fragmentação, o expurgo do outro): “cérebro precisa ser usado com frequência para ser ‘malhado’ e ter a devida forma” (indireta para os que a ofendem, pois estes não “usariam o cérebro”).

No final, há uma espécie de negação de todo o discurso anterior “imagina só qual seria a minha reação se eu me sentisse realmente discriminada!”, “pra que ficar brava com bobagens!”, “rsrsrsrsrs” (marca de risadas que atenuam a situação, mudam o “tom” da narrativa) que denotam um certo receio de assumir todas aquelas constatações ou relatam apenas um desabafo da condição em que a autora se situa, não uma revolta real. Logo, esse rótulo “rebelde” poderia apenas se tratar de mais uma máscara, situação que um entrevistado (ex-usuário do Facebook¹⁰) explicou:

Por exemplo, alguém que não era a favor das manifestações que estavam acontecendo de junho pra cá e começa a ver pela timeline que tem muita gente participando e vai e posta uma foto que está lá “ó, estou nas manifestações”, não pelo fato de apoiar as ideias, mas pela ideia de se sentir incluído num grupo. Acaba que, por exemplo, meu irmão, ele faz umas coisas desse tipo, pra se sentir incluído na comunidade virtual, que ele não faria na vida real. E o próprio fato dele ser descolado na internet é estranho porque na vida real ele usa terno, ele vai pra um bocado de entrevistas de emprego, tenta ser o mais certinho possível pra essas coisas. É uma personalidade conflitante.

Voltemos, então, àquela pergunta dirigida a nós pelo nosso questionador invisível “no que você está pensando”. Veja bem, o que nos é demandado são as mais íntimas informações do nosso ser, pois o que os olhos interrogadores que se voltam para nós desejam é uma relação de “confiança”, “estamos entre amigos”, ele diria.

Logo, a linha entre pensamento/fala aos poucos se dilui e um pensamento que talvez alguém não verbalizaria entre os seus acaba escorrendo por entre os dedos. Saem a fúria, o desapontamento, a revolta, os preconceitos e nesse momento nos tornamos nus

¹⁰ Segundo entrevistado (2) para a pesquisa, já fez 2 perfis para o Facebook, 27 anos.

publicamente sem perceber e estamos sujeitos aos mais diversos ataques (um modo também de censura, de condicionar pensamentos):

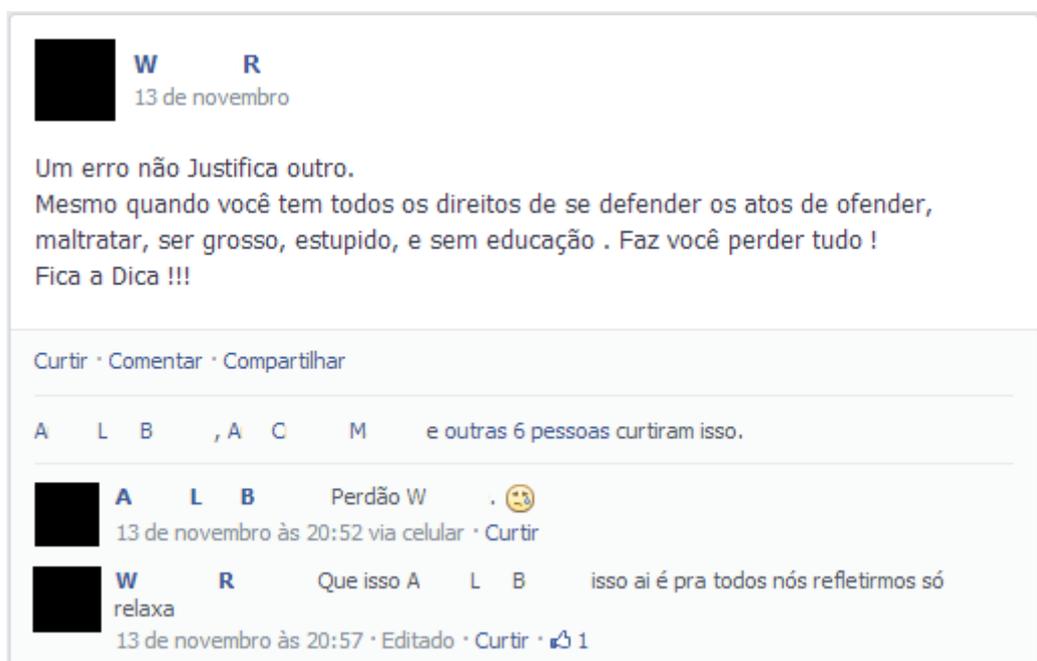


Figura 9: “post” de outra usuária

O relato dessa usuária se assemelha a uma conversa com algum amigo: ela respondeu à pergunta do “status” e compartilhou com seus conhecidos (mais 6 pessoas “curtiram”) sua “dica”, que funcionava como indireta para “ALB”. Outra situação privada que foi exposta na rede social é relatada por um entrevistado¹¹ (revelando as assimetrias, as relações de poder):

Na discussão que envolvia dois colegas de trabalho via facebook, um colega de hierarquia mais baixa, que trabalhava junto comigo, escreveu o seguinte: nem todo mundo sabe lidar com a gerência, a gerência não é pra todos (...) e aí o gerente viu isso, esse comentário, ficou ofendido e algumas semanas depois, a gente não viu mais o funcionário na empresa, ele foi demitido.

A repercussão de um “post” foi grande: o funcionário foi demitido por relatar o que pensava naquele meio nada seguro. O que se percebe claramente é o “lugar” de uma parte e outra nessa contenda: a manutenção da hierarquia e um maior controle sobre os subordinados “versus” o exercício da liberdade de expressão. Ao que parece, a gerência realmente não é para todos.

¹¹ Entrevistado 1.

O rompante do colega de trabalho teve um desfecho infeliz, mas o que ele buscava era o apoio dos seus amigos virtuais, palavras de suporte ou gritos de indignação: o contexto era o de intimidade, que se intercalou com o meio profissional (e com todos os outros meios que dialogaram com a mensagem). Uma palavra escrita no Facebook não é mais um pensamento, é um grito para o mundo, com todos os seus ambientes, entretanto a pergunta que nos é feita não é esta: “o que você gritaria para que todos, **sem exceção**, escutassem?”. Trata-se de uma arapuca.

O próprio usuário declara que seu ex-colega agiu mal:

Problemas de trabalho ficam no trabalho, problemas de família não vêm pro trabalho, por exemplo. E isso já tem ajudado a gente a evitar situações desconfortáveis desde muito antes do Facebook e essa é uma regra que as pessoas não deveriam se esquecer, independente das novidades que surgem, como Facebook, Twitter, enfim... Independente de quantos perfis você criar, essa regra ela deveria continuar como sendo básica, né? Deveria continuar sendo observada, de modo que a sua vida profissional não pode influenciar nem ser misturada à sua vida pessoal. Isso sempre vai gerar alguma situação desconfortável ou algum problema porque é difícil separar as coisas uma vez que elas são misturadas. E situações de trabalho não podem envolver sentimento porque você está lidando com a sua função, está lidando com o que você faz dentro de uma organização, não tem nada a ver com o que você sente sobre aquilo, pelo menos não deveria.

Há uma prática social que deve ser seguida: a de não envolver sentimentos com trabalho, subjetividade com objetividade, humanidade com mecanicidade. Por mais naturalizado que este pensamento esteja em nós, logicamente ele não é possível (pelo menos, não plenamente). Não somos máquinas e não podemos nos abster de nossos sentimentos, apesar de que, ao escutarmos tal discurso de “impessoalidade”, o ligamos à identidade de um profissional sério, comprometido, ideal para o trabalho.

O meio subjetivo da rede social se funde ao objetivo em vários momentos, gerando atritos, mas não por uma má utilização da rede, visto que logo na primeira página do Facebook lê-se “No Facebook você pode se conectar e compartilhar **o que quiser** com quem é importante na sua vida” (grifo meu). Se assim fosse, o “cyberbullying” não seria tão condenado, o preconceito repudiado, diversas pessoas processadas, entre outras consequências. Eis um exemplo:



Figura 10: A respeito dos médicos cubanos

Nesse caso, a usuária traça um perfil do médico (evidencia suas crenças e valores): “médico, geralmente, tem postura, tem **cara** de médico, se impõe a partir da **aparência**”; que é contrastado pelo perfil dos médicos cubanos: “mas essas médicas cubanas tem uma **cara** de empregada doméstica”; sinal de que ainda se tem um “retrato” do profissional “ideal”, arraigado na manutenção das relações de poder. A autora percebe que seu pensamento pode ser agressivo, discriminatório e tenta atenuá-lo dizendo “me perdoem se for preconceito”.

O “post” é logo respondido com um comentário “desde quando aparência tem a ver com competência?”, que promove a reflexividade, tenta desbancar um conceito já naturalizado em alguns. Nesse ritmo argumentativo, num curto período de tempo, muitos usuários “compartilham” o que foi dito por “MB” e rebatem-na ou com ela concordam. Desfecho da história: o sindicato das domésticas processa a autora de tais pensamentos (que haviam sido escritos numa situação aparentemente descontraída, sem muita noção do quanto aquilo se tornaria público). Em suma, apesar de evocar o carnaval, quando é possível se dar largas às fantasias e disfarces, o Facebook está também repleto de soldados em prontidão para denunciar e tomar atitudes concretas

contra quem infligiu regras não daquele mundo, mas do mundo efetivamente habitado pelo indivíduo.

E quem seria o temível Grande Irmão a ditar comandos no Facebook ou então: com qual tipo de autoridade se identificaria? Difícil resposta. Sabe-se, porém, que o mundo é bem mais complexo e caótico do que faz supor a internet, e nós o habitamos como indivíduos, como números, como corpos, como seres, como personagens, tudo ao mesmo tempo. Somos uma nebulosa de pessoas no vaivém cotidiano, formigas sem rumo. Mesmo assim, cada um de nós traz consigo os vínculos afetivos, hierárquicos, políticos, profissionais, religiosos que ditam os percursos a trilhar e constroem o nosso lugar de fala. Noutras palavras, cada um de nós é único, porém guarda relações psicossociais e históricas com muitos outros indivíduos, e não há uma resposta única nem binária que resolva com um clique os dramas cotidianos e as angústias que nos assolam na pós-modernidade.

O embate com a máquina não envolve apenas dois lados. Está em jogo o destino de uma humanidade inteira, envolta numa rede intrincada, composta de fios emaranhados, sem nenhuma tradução imediata que possa decodificá-la. Tais laços estreitam e afrouxam, aproximam e distanciam, liberam e estrangulam. Esse o drama humano decantado por romancistas e poetas desde sempre e pesquisado por abnegados cientistas da informação, que, volta e meia, testam soluções e experimentam saídas, cada um no seu papel, enquanto durar a novidade. Outras virão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Num mundo premido pelo tempo e espaço, o homem se vê interpelado em várias identidades, posicionando-se com apoio em signos que revelam o seu lugar de fala: pode uma pessoa ser ao mesmo tempo um médico de terceira idade, católico, negro, escolhido para discursar no Dia dos Pais no colégio do filho. Ciente da responsabilidade que carrega perante um público múltiplo e individualmente multifacetado, busca falar não só para os filhos, como representante dos pais, mas para os vários segmentos ali representados. Ou se “apartidariza”, optando por uma via neutra que não agrida as identidades ali presentes, o que não é tão pacífico, já que seu gesto pode suscitar uma desconfiança sobre o seu discurso, alheio às questões sociais.

Enfim, se desde sempre é complexo se posicionar publicamente, hoje, com a velocidade da informação, ao alcance de ampla faixa da população, tal ato se potencializa como manancial para as mais diversas discussões, quebrando a barreira do aqui e agora numa rede de replicações via internet. Tudo é filmado, fotografado, postado e, sob qualquer comentário ou provocação, o mais ordinário dos acontecimentos pode converter-se em evento de ampla repercussão. É neste cenário que germina e viceja a semente da comunicação nas redes sociais, aqui representadas pelo Facebook.

Esta ferramenta, obviamente, tem muitas utilidades: vem promover reencontros entre pessoas que não se veem há muito tempo e proporcionar a comunicação entre parentes e amigos distantes; além disso, disponibiliza informações sobre diversos temas a partir de representantes credenciados para isso, possibilitando o diálogo entre pessoas que talvez nunca se encontrassem frente a frente para debater assuntos de interesse acadêmico ou comercial, literário ou musical, gastronômico ou religioso. Tudo sem sair de casa, sem se olhar nos olhos, sem se tocar ou sorrir. Evidentemente, tal modelo de comunicação sofre acomodações e ressignificações para construir sentidos e representar intenções. Ou seja, há os mais variados interesses em jogo num simples acesso à ferramenta, inclusive a manutenção das relações de poder.

No plano mais superficial, o que se enxerga são as possibilidades de se expressar, livremente, entre seus amigos. Contudo, mais profundamente, há a noção de que os dados privados antes não tão expostos estão sendo compartilhados entre conhecidos e desconhecidos, numa espécie de vigilância (e censura) invisível. Ainda, os mecanismos de operação de ideologia são evidenciados pelos recursos e discursos da internet, segregando e agredindo, mas também promovendo a reflexividade entre os usuários.

Além disso, o Facebook funciona como ferramenta de comunicação interpessoal para se fazer amigos e se reunir a grupos que dêem visibilidade ao usuário, conferindo-lhe “status” naquele mundo. “Naquele mundo”, porque nem sempre fora dali o aplauso é tão evidente, o gestual é tão eloqüente, os signos, enfim, são tão ostensivos quanto figuram no meio virtual. No “Face” (abreviação de Facebook) o discurso utilizado guarda especificidades daquele meio distintas do discurso do mundo concreto habitado

pelo indivíduo. Há uma espécie de dicotomia entre “usuário” e “indivíduo”, como se “usuário” designasse o habitante do Face, e “indivíduo”, o habitante do mundo real.

Ora, na verdade, o Facebook é, ele próprio, uma ferramenta do mundo real, portanto não há, efetivamente, uma ruptura tão evidente entre um cenário e outro. Na verdade, o que há é um regime de pertencimento de uma realidade à outra, ou mesmo de submissão de uma realidade à outra. Nessa leitura, o Facebook é mais um acessório do nosso tempo, funcionando como válvula de escape dos dramas cotidianos a recriar o lúdico como contrapartida ao pragmatismo, ao imediatismo e ao descartável da cena atual. Não deixa de ser um jeito anos 2010 de se sentar à porta e ver a banda passar, de se emaranhar na multidão que acompanha essa banda para depois contar para os amigos, numa mesa de bar, o que, de fato, aconteceu, porque se estava lá, se presenciou e se tomou parte no acontecimento.

Assim, essa forma de ação das redes sociais, com suas inquietações e vontades expostas, é também uma representação da realidade (como, por exemplo, no nível das denúncias políticas que se tornam simbólicas caso se restrinjam apenas a um grito na rede social, mas que se materializam caso sejam transpostas às manifestações) ditada pelas mais variadas vozes. Nesse caminho, um “post”, um único discurso do Facebook, reflete crenças e valores, relações sociais e a identidade (ou muitas identidades) do usuário, também em meio a vários outros discursos, dos mais distintos estilos.

Como várias formas de comunicação, entre as quais a música, a literatura, a televisão, o cinema, o telefone, o telégrafo, o Facebook carrega em si o espanto com o novo, com as cores e sabores dos anos 2010. As especificidades dessa ferramenta fazem sonhar com as maravilhas da modernidade, quando parece possível combater a solidão da pós-modernidade com várias conexões internáuticas que permitem ao usuário explorar ao máximo as potencialidades de seus múltiplos perfis. Ninguém é vazio, todo mundo tem algo a dizer, sempre há alguém numa situação pior para ser consolado. E, como tão bem assinalou o polonês Bauman, não há um comprometimento efetivo com o outro, ou melhor, tem-se a garantia do desconectar-se de alguém quando bem se desejar. São traços do nosso tempo, sotaques de um discurso em sintonia com uma realidade que busca reinventar-se cada vez mais rápido para não ser decifrada e, de pronto, descartada.

Do que a sociedade tem medo? Talvez de mostrar que, no fundo, o que se busca mesmo são alternativas para contornar a velha angústia gerada pelo prestígio do “ter”, no momento nebuloso do presente, quando, em vez de rivalidades e dualismos nítidos, presencia-se o desconforto de um convívio forçado, compartilhando-se realidades nem sempre bem demarcadas, algumas até mesmo intangíveis. A pergunta lançada ao futuro é: o que virá depois de tudo isso?

REFERÊNCIAS

BONIS, Gabriel. **Um futuro sem soberanias**: Fábio Konder Comparato vislumbra uma civilização pós-capitalista. Carta Capital, ano XVIII, nº 764, 4 de setembro de 2013.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: EDUSP, 1996.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: Artes de fazer. 17ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2011.

CHOULIARAKI, L. & FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity**: rethinking critical discourse analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

DIAS, Juliana de Freitas. **O Renascimento no parto**: discurso e identidade. Brasília: UnB, 2007.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Tradução: Izabel Magalhães. Brasília: UnB, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2006.

MARCUSCHI, Luis Antônio. Gêneros textuais e ensino. In: **Gêneros textuais e ensino**. Editora Lucerna: Rio de Janeiro, 2002.

ORWELL, George. **1984**. Tradução de Wilson Velloso. 29ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004.

SANTOS, João Bôsko Cabral. O gênero textual como manifestação discursiva. In: MACHADO, I.L.; MELLO, R. (orgs.). **Gêneros: Categorias de Análise do Discurso**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Hathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.

SYLVESTRE, Ana Paula Melo. **O eu e o outro online: discurso, poder e identidade nas redes sociais**. Brasília: UnB, maio de 2013.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1995.

FILMES

GANSEL, Dennis. **Die Welle**. Alemanha: Rat Pack Filmproduktion, 2008. 107 min.

MCTEIGUE, James. **V for vendetta**. Estados Unidos: Warner Bros, 2005. 132 min.

SITES

BORGES, Jorge Luis. **A casa de Asterion**. Disponível em: <<http://www.alfredobraga.pro.br/biblioteca/asterion.html>>. Acesso em: 4 dez., 2013.

CASTRO, Manuel Antônio de. **Etimologia: significado e alcance**. 2004. Disponível em: <<http://acd.ufrj.br/~travessiapoetic/filosoficos/etimologia.htm>>. Acesso em: 4 dez., 2013.

Dictionary.com. <<http://dictionary.reference.com/browse/facebook?s=t>>. Acesso em: 4 dez., 2013.

Grande Dicionário Houaiss Beta da Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=status>>. Acesso em: 9 dez., 2013.

TEIXEIRA, Carlos Alberto. **A origem do facebook**. O Globo. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/tecnologia/a-origem-do-facebook-4934191>>. Acesso em: 4 dez., 2013.

VÍDEOS

Anonymous Brasil – as 5 causas. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=v5iSn76I2xs>>. Acesso em: 9 dez., 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Zygmunt Bauman**: a amizade Facebook. Publicado em 2 de outubro de 2013. Fronteiras do Pensamento. Entrevista concedida a Fernando Schüler e Mário Mazzilli. Disponível em: <<http://www.frenteiras.com/videos/player/?13,108>>. Acesso em: 9 dez., 2013.

_____. **Zygmunt Bauman**: Identidade pessoal. Publicado em: 10 de setembro de 2013. Fronteiras do Pensamento. Entrevista concedida a Fernando Schüler e Mário Mazzilli. Disponível em: <<http://www.frenteiras.com/videos/player/?13,112>>. Acesso em: 9 dez., 2013.

Chico: Bastidores da gravação do DVD “Na carreira”. Disponível em: <www.chicobastidores.com.br>. Acesso em: 9 dez., 2013.